

Leituras Crí ti cas

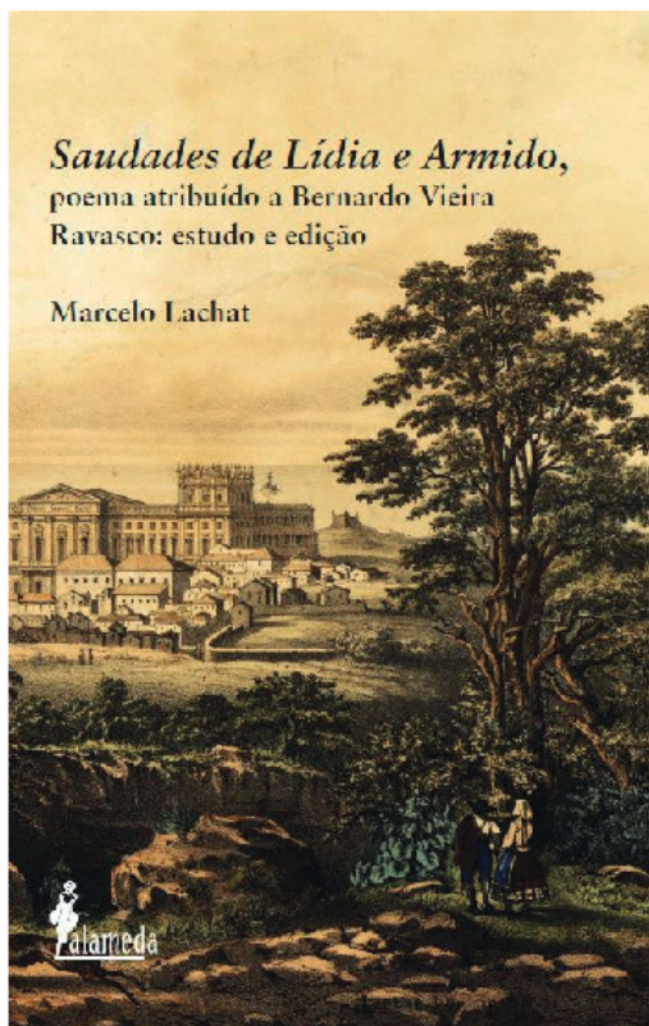
MARCELO LACHAT. SAUDADES DE LÍDIA E ARMIDO, POEMA
ATRIBUÍDO A BERNARDO VIEIRA RAVASCO: ESTUDO E EDIÇÃO
JEAN PIERRE CHAUVIN

JOSÉ EDUARDO FRANCO E PEDRO CALAFATE (DIR.).
OBRA COMPLETA PADRE ANTÓNIO VIEIRA
GABRIEL MAGALHÃES

JOSÉ EDUARDO FRANCO (DIR.). DICIONÁRIO DOS
ANTIS: A CULTURA PORTUGUESA EM NEGATIVO
FERNANDO CATROGA

Marcelo Lachat (2018). *Saudades de Lídia e Armido, poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco: estudo e edição*. Alameda Editorial. São Paulo. 166 pp.
ISBN: 978-85-7939-569-7.

JEAN PIERRE CHAUVIN¹



Desde que o homem deixou de ser súdito do rei, passou à condição de sujeito do capital e plasmou-se em «megaindivíduo» mercantilizável, a endeusar a tecnologia e deslumbrar-se consigo mesmo (porque incapaz de perceber o outro), tornou-se mais complexo reafirmar obviedades que digam respeito ao seu modesto lugar na história.

Por exemplo, até o final do século XVIII, no mundo luso-brasileiro, quem desejasse projetar o *ethos* de homem letrado escorava-se em preceptivas de poéticas e textos considerados paradigmáticos, para compor os «seus» textos — fossem eles versos de variado gênero, sermões, cartas; fossem eles crônicas históricas, relatos de viagem ou diários de navegação.

¹ Professor de *Cultura e Literatura Brasileira: Colônia*, na Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Co-líder do grupo de pesquisa *Historiografia das Letras Luso-Brasileiras e da Literatura Brasileira* [<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9121390993752051>]

Pelo menos desde a década de 1980, esses e outros pressupostos, longa e amplamente discutidos por historiadores, sociólogos e especialistas oriundos não exclusivamente das Letras, permitem questionar os conceitos românticos de «autoria», «honestidade», «intenção» e «originalidade» atribuídas a um «escritor», que continuam a embasar imprecisos manuais de história da «literatura» — arte quase sempre concebida anacrônica, positiva e teleologicamente, ao sabor dos projetos ditos nacionalistas, de propósito supostamente identitário do império, da pátria, da nação ou do povo.

Em *Saudades de Lídia e Armido*, publicado pela Alameda Editorial em setembro de 2018, Marcelo Lachat refaz o percurso que lhe permitiu localizar dois manuscritos com belos versos atribuídos ao poeta Bernardo Vieira Ravasco — ainda hoje mais conhecido como «irmão do padre Antônio Vieira».

Na precisa «Apresentação» que escreveu para o livro, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho destaca duas virtudes do trabalho (originalmente, um projeto de pós-doutorado realizado na Unifesp, Campus de Guarulhos, sob a sua supervisão, entre 2015 e 2018): 1) o cotejo «verso a verso, das duas cópias», o que assegurou 2) a «leitura da materialidade do texto, a interpretação da peça poética» (Lachat, 2018: 8), com base nos ofícios atribuídos pela tradição retórico-poética ao verzejador.

Ao conduzir a pesquisa, o estudioso mobilizou numeroso e denso referencial teórico, com que reforçou os vínculos entre a poesia e outras artes e saberes, o que lhe permitiu re-visitatar conceitos tradicionais da historiografia, em diálogo profícuo com Reinhart Koselleck. Marcelo Lachat relembra que, nas letras produzidas durante os séculos XVI e XVIII, a adequação entre tema, gênero e estilo importava mais que a atribuição de «autoria» — suposto índice de «identidade». A categoria «autor» remonta ao final do Setecentos; mas persiste sendo abordada equivocadamente, hoje, como se se tratasse de marca de algo «novo» e irrepetível — como já mostraram as pesquisas de João Adolfo Hansen, Alcir Pécora, Marcello Moreira, Adma Muhana e Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, entre outros.

A ideia de «autoria», como a concebemos desde o século XIX, não se aplicava da mesma forma durante o Seiscentos e Setecentos. A classificação do texto como artefato de representação verbal também destoava da noção de «forma fixa» — expressão que ainda pauta estudos deste tempo, fracionário e unicelular, bem diverso daquele em que imperava alguma noção de pertencimento e coletividade. A tradição retórico-poética não era interpretada como apêndice, vício ou mau-caratismo de poeta plagiário; tampouco como sintoma de anomalia moral, carência de dotes artísticos ou obscurantismo conceitual.

Inventariado o tema da pesquisa, passemos à disposição das partes que a compõem. Marcelo Lachat divide a obra em quase metades: uma delas contém o «Estudo»; outra apresenta o poema de Bernardo Vieira Ravasco na íntegra (cotejado e anotado) para o desejável maior público, em que reforça a obediência do poeta aos numerosos tratados de persuasão, composição e etiqueta que circularam nos domínios da corte, especialmente durante os séculos xvii e xviii, como os de Baltasar Gracián, Juan de Jáuregui e Francisco Leitão Ferreira.

A seu turno, seu «Estudo» subdivide-se em três seções, que situam as *personae* «histórica» e «poética», além de introduzir gradativamente o leitor na discussão em torno do gênero lírico, ao qual «Saudades de Lídia e Armido» se vinculava. Após a transcrição do belo poema, o leitor encontra extenso «Glosário», que deve assegurar a travessia segura pelos versos.

O pesquisador dispensa tratamento incomum a Bernardo Vieira Ravasco. Retirando-o da condição diminuta, e mesmo subserviente, negando tratar-se de poeta menor «à sombra do irmão [Vieira]», apresenta-nos as duas faces desse homem discreto, soldado de Cristo e súdito fiel da coroa portuguesa. Era «importante *persona* política da América Portuguesa no século xvii», que ocupou «de 1646 a 1697, o alto cargo de Secretário do Estado do Brasil, hierarquicamente abaixo apenas do governador-geral» (Lachat, 2018: 12).

A informação não pode ser desprezada. Marcelo Lachat mostra que a figura parcial que temos de Ravasco decorre grandemente da imagem que se pintou a seu respeito, em acordo com os fins do texto biográfico: «o que caracteriza essa produção sobre o passado é sua função exemplar. Por isso, [Diogo] Barbosa Machado exalta o “sumo valor” e a “fidelidade” do *paradeigma* Ravasco, cuja *vita*, virtuosa e exemplar, sempre esteve a serviço da “Pátria, ou fosse como soldado, ou como político”» (Lachat, 2018: 15).

Por isso, quando as raras notícias biográficas do valente soldado e competente secretário de estado passam a circular na corte, a habilidade de versejar constitui virtude atrelada às demais qualidades da *persona* pública:

[...] essa descrição da valentia bélica do letrado Bernardo é mimeticamente decorosa, especialmente ao mencionar a «penetrante ferida na mão esquerda» que teria ele recebido em batalha contra os holandeses, pois segue afamados modelos ibéricos dos anos Quinhentos e Seiscentos, como Camões e Cervantes, ambos conhecidos como duas grandes *auctoritates* das letras, mas também como homens de armas, tendo sofrido graves ferimentos decorrentes de batalhas. (Lachat, 2018: 16-17)

Quanto ao retrato encomiástico do poeta, chamam a atenção algumas coincidências de sua trajetória com o percurso do irmão An-

tônio Vieira, especialmente o fato de também ter sobre si os olhos duros e perscrutadores do Tribunal do Santo Ofício, durante a construção da suspeita em três etapas bastante comuns, naquele tempo: murmuração, denúncia e instauração de processo.

Embora tenha escapado aos longos braços da poderosa Inquisição, Bernardo foi preso duas vezes, devido a medidas tão ou mais arbitrárias que as do júri celestial em atuação no plano terreno: «o protagonista desse [segundo] episódio foi Antônio de Sousa Menezes, alcunhado de “Braço de Prata” e governador-geral do Estado do Brasil de 1682 a 1684» (Lachat, 2018: 22), inimigo notório dos Vieira Ravasco.

Os longos meses que Ravasco passou no cárcere são uma pequena mostra dos poderes acumulados pelo governador-geral, responsável direto pelo julgamento e aplicação da pena. O acontecimento é fundamental para compreendermos que as notícias biográficas eram compostas segundo critérios firmados pela tradição do gênero demonstrativo, como prescreviam os manuais de retórica. Por isso, «esses episódios da vida prática de Bernardo Ravasco não são mencionados, já que não atendem ao decoro do gênero epidítico» (Lachat, 2018: 23).

A morte de Bernardo Ravasco, um ou dois dias após o falecimento de seu irmão, sedimentou a ideia de que o seu talento como versejador

estaria fortemente vinculado à reconhecida habilidade oratória de Antônio Vieira. A repercussão do poeta não teria sido pequena, durante os séculos XVII e XVIII. Comprovam-no a menção à vida e morte dos irmãos, em versos atribuídos respectivamente a Carlos José de Miranda e Manuel Botelho de Oliveira.

Bernardo Vieira Ravasco provavelmente travou relações com outros letrados de engenho e renome que circularam entre Portugal e o Estado do Brasil, como sugerem as «disputas poéticas» que travou com Antônio Vieira e Gregório de Matos. A despeito das virtudes de Ravasco, Marcelo Lachat chama a atenção para o «reduzido *corpus* poético impresso» a ele atribuído (Lachat, 2018: 46), o que encarece a pesquisa e o rigor da leitura que realizou.

Antes e acima de entrar em matéria, cumpre evitar o uso de conceitos anacrônicos ou categorias apriorísticas, que costumam rebaixar a qualidade do que se escreveu antes de o Oitocentos instaurar a crítica «moderna», em cujos trabalhos «nota-se, em geral, que os pesquisadores partem, quase sempre, de uma concepção pós-romântica de um sujeito-poeta original, com características psicológico-estilísticas individuais, e cujos textos devem ser identificados e autenticados» (Lachat, 2018: 51).

Decorre daí outra virtude no trabalho de Marcelo Lachat, que poderíamos aproximar das antigas lições que presidiam a *Elocutio*. Con-

duzido com seriedade e precisão, farto em estudos que situam a poesia e as preceptivas em seu tempo e lugar, o estudo, a análise e a interpretação do poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco permitem driblar hermetismos, sem tergiversar com a exatidão dos conceitos e a densidade da matéria.

Os traços de erudição, nesse pequeno grande livro, não afastam o leitor. Especialmente se ele estiver interessado em descortinar obras notáveis — ainda que menos conhecidas — produzidas durante o século xvii, e lê-las à maneira mais próxima possível da mentalidade palaciana que vigorou até o final dos Setecentos.

Além de deleitar-se com o poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco, o leitor poderá constatar que diferentes *personae* se fundem e complementam na proveitosa criação da imagem e reverberação de um *ethos* conveniente ao poderoso secretário de Estado que ele foi. De todos os aprendizados, o primeiro deles reside em saber que a *persona* histórica vinculava-se às *auctoritates* familiar, política, bélica e poética, afinal a «preceptiva antiga está na base da agudeza seiscentista» (Lachat, 2018: 59).

Poesia é artifício. Biografia, também. Lachat não dá margem a dúvidas, quando observa que: «A *persona* histórica não é uma verdade absoluta, mas uma unidade verossímil a que se atribui *auctoritas*» (Lachat, 2018: 63). O livro

também ensina que mais importa a palavra que, lavrada artisticamente, permite desvelar a *forma mentis* de um punhado de letrados de outro tempo e lugar: súditos sabedores de seu ofício, cientes de que a arte de versejar auxiliava a compor as outras faces de sua *persona* pública, a circular entre as possessões do «Quinto Império», de que falava outro Vieira.

Isso tudo e mais um pouco, sob a tutela do reino, a graça de Deus e o gracejo dos doutos, autointitulados «principais da terra». A título de estímulo, talvez se pudesse aplicar aos estudiosos que negligenciam temas, tópicos, formas convenientes e preceitos de outrora o retrato de Lídia, figura central do poema: «O que dela podia só dizer-se / é só o que não podia comparar-se; que intentar de algum modo encarecer-se, / era aspirar de todo o modo de errar-se» (Lachat, 2018: 102).

Supondo, ainda, que estejamos no reino dos arquivos digitais — profusamente manejados, mas nem sempre lidos — não será ocioso relembrar que a primeira tarefa do pesquisador é aprofundar contato com o objeto que se propôs a analisar. O método empregado por Marcelo Lachat transmite credibilidade. Também nesse sentido, *Saudades de Lídia e Armido* estimulará o desbravamento contínuo de acervos e arquivos por arqueólogos da palavra, dentro e fora do país, para além do contágio a-histórico de quem acredita viver na era pós-ideológica.